

"Que fazem de especial?" - Jesus (Mateus 5,47)

"Espiritismo e personalismo são dois pólos que não se tocam." - Célia Xavier



Associação Espírita Célia Xavier

# Conheça Aqui!

CONHEÇA AQUI! Nº 139 / 29 de setembro de 2017

**AECX FIQUE POR DENTRO**

*I Semana de Arte Espírita AECX*

## Conhecer e Sentir

02  
out

Horário: 20h às 21h  
Expositor: Renan Dias  
Tema: Paulo e Estevão em arte

03  
out

Horário: 20h às 21h  
Expositor: Érica Sarsur  
Tema: O que é arte espírita?  
Apresentação teatral: Cia. Espírita Veredas

04  
out

Horário: 20h às 21h  
Expositor: Flávio Gonçalves  
Tema: Arte espírita: o teatro  
Apresentação teatral: Grupo ATOSS

05  
out

Horário: 20h às 21h  
Expositor: Felipe Chagas  
Tema: O que é arte espírita?  
Apresentação musical comentada: Lirio Celeste

06  
out

Horário: 20h às 21h  
Expositor: Eric Ávila e Érica Sarsur  
Tema: A música espírita como ferramenta de evangelização

07  
out

Horário: 16h às 17h45  
Expositor: Daniela Soares e Miriam Faria  
Tema: Dança espírita: movimento na educação do ser  
Apresentação de dança comentada: Trans-forma Cia. Espírita de Dança e Grupo Espírita de Dança Transformante

2ª semana  
nacional de  
artes  
espíri  
ta

Venha cantar conosco, todos os dias, 30 minutos antes do início das atividades!

Local: Auditório AECX  
Rua Coronel Pedro Jorge, 314 - Prado

Realização:



Mais informações: (31) 3334-5787



## A Formação do Evangelizador ou Educador Espírita da Infância

Muitos colegas dos tempos de juventudes espíritas, agora com os cabelos grisalhos, estão escrevendo sobre suas experiências, vividas no movimento espírita, tentando repassá-las para as novas gerações e as direções de trabalhos.

Tive duas experiências importantes no passado: fui professor de desenvolvimento de recursos humanos e fui coordenador de evangelização infantil para crianças em situação de vulnerabilidade social, em uma unidade nossa próxima de muitas favelas da Belo Horizonte dos anos 80. Desde então, nossa casa tem um problema crônico de formação de pessoas para este tipo de tarefa, não sei dizer o quanto este problema atinge os demais centros espíritas.

Há uma discussão atual sobre o nome a ser dado. Evangelização sugere apenas o ensino do evangelho e tem um pé na prática eclesial, então o nome educação espírita parece bem mais amplo e adequado. Contudo, isto não significa abandonar o ensino dos Evangelhos e dos princípios que embasam fortemente a ética espírita. E também, penso que a mudança de nomes não é algo que deva se transformar em "cavalos de batalha", porque já vi as pessoas discutindo para mudar palavras, sem qualquer preocupação com a alteração da prática. Kardec dizia que "para ideias novas, palavras novas", então esta mudança deve ser o objeto central das nossas preocupações, e não discutir para usar termos novos para conceitos velhos.

Nossa questão neste texto, contudo, é: como preparar evangelizadores ou educadores espíritas para o exercício de sua prática?

Tenho visto a realização de cursos intensivos para a preparação deles. Contudo, é uma atividade bem complexa, que não se resume a um curso de final de semana. Eles trabalham com a educação de crianças em faixas etárias e condições socioeconômicas muito diferentes. Para formar um professor de educação infantil nas escolas em geral, é necessário o magistério ou a graduação em pedagogia. Nosso trabalho é voluntário e

pontual, então não há como exigir esta formação dos interessados, mas é possível realizar uma série de ações complementares para o seu desenvolvimento na tarefa.

No Lar Espírita Esperança, em Belo Horizonte, implementamos nos anos 80 uma série de ações que visavam o desenvolvimento do corpo de educadores espíritas, que foram:

1. O horário da atividade foi expandido. Evitamos que os voluntários chegassem "correndo", na hora da aula e saíssem "voando" após a entrega dos alunos aos pais.

2. Reuníamos o grupo sessenta minutos antes, não apenas para uma prece e avisos gerais, mas para um pequeno estudo ligado à evangelização. Os temas eram teóricos ou práticos e variados. Podiam tratar de alguma aula bem sucedida, alguma questão psicológica no relacionamento professor-aluno, algum tema pedagógico. Era feito pelo coordenador, mas podia contar com a colaboração de algum convidado ou membro do grupo. Assim o grupo começava a se tornar o que os cientistas sociais chamam de "comunidade de prática".

3. Os novos educadores não iniciavam sua prática em uma sala de aula fixa. No primeiro ano, eles ficavam por dois meses em cada sala de aula (tinhamos turmas divididas por faixas etárias), observando como os educadores planejavam suas aulas, como lidavam com as crianças, e colhiam experiência. Ao final dos dois meses, eles eram responsáveis por uma aula na turma em que "estagiavam". A cada quinze dias, os "estagiários" se reuniam com a coordenação para compartilhar suas experiências e seus problemas. Nesta conversa rápida de trinta minutos, ia ficando mais claro se eles se identificavam com o trabalho, quais suas preferências e suas dúvidas e demandas. Esta conversa poderia gerar temas para a reunião anterior às aulas.

4. Como os voluntários tinham dificuldade em reunir-se durante a semana para planejar suas

aulas, eles se reuniam no dia da tarefa, após a saída dos alunos, para preparar as próximas aulas. Trabalhavam em conjunto, podiam conversar sobre os alunos, seus acertos e erros, seus problemas em sala de aula. Com esta prática, os educadores mais experientes interagiam com os novatos e os "estagiários". Tinham acesso a todo o material pedagógico (não era muito) disponível na unidade e podiam usar os recursos da mesma para preparar as aulas. Uma hora era mais que suficiente para esta fase do trabalho.

5. No meu primeiro ano como evangelizador, meus colegas mais experientes tinham por prática fazer os planos de aula. Eu aprendia a técnica com eles, e a usei muito depois, até mesmo na minha experiência como professor universitário. Da forma que era elaborado, o plano permitia a visualização do tema, dos conteúdos, das estratégias didático-pedagógicas a serem usados, da distribuição das atividades pelo tempo e de como avaliar sua apreensão pelas crianças.

6. Como registrávamos os planos em cadernos, eles passaram a ser usados como material de consulta por outros evangelizadores. Infelizmente eu os perdi nas muitas mudanças que fiz ao longo da vida. Por esta razão tenho publicado no Espiritismo Comentado as histórias de Antonina e de outros educadores, mesmo sabendo que ainda não conseguimos atingir o público-alvo: os educadores infantis de espiritismo.

7. Oferecíamos um curso de curta duração para formação geral pelo menos uma vez por ano. Uma limitação era que visávamos apenas os jovens da casa. Hoje, neste tipo de iniciativa, há uma interação entre casas diferentes na capital de Belo Horizonte, e públicos diferentes, como os frequentadores de grupos de estudo, ESDE e até mesmo reuniões públicas.

8. Na capital mineira, hoje, há eventos voltados para educadores experientes. Infelizmente, muitos deles não veem a necessidade de participar. É importante que a programação destes eventos deixe claro o que eles irão agregar à sua

experiência, para que não reajam com o velho preconceito de que não irão aprender nada, que é "mais do mesmo".

9. Montamos grupos de estudo de voluntários para desenvolver material sobre diferentes estratégias de educação. Chamou-se Projeto Evangelizar. Um grupo preparou um trabalho sobre música nas aulas. Outro grupo trabalhou com fantoches, com teatro de sombras e com como preparar material de apoio pedagógico em geral. Um terceiro grupo preparou um trabalho sobre planejamento de ensino. Um quarto grupo ensinou sobre jogos e recreação... Já nem me lembro mais de quantos trabalhos foram feitos. Ao final da elaboração os membros do grupo apresentavam ao corpo de educadores da Associação Espírita Célia Xavier para que o conhecimento circulasse e atingisse seu objetivo.

10. O Professor Raul Teixeira, de Niteroi - RJ, em sua pós-graduação teve contato com a

"elaboração de objetivos de ensino", de Mager e Pipe (e outros autores), e fez uma oficina com todos os que trabalhavam com educação (infância, juventude e adultos) em nossa casa espírita. Os autores mudavam o foco do planejamento do ensino para o planejamento da aprendizagem, e discutiam a articulação entre objetivos gerais (de planos) e objetivos específicos, técnicas de escrita de objetivos, entre outros.

11. Observamos que a aprendizagem das crianças em geral, e principalmente das crianças em situação de vulnerabilidade social era baixa. Pensamos à época em fazer uma programação mais voltada à conexão entre o espiritismo e a vida infantil, que uma adaptação do roteiro de ensino do espiritismo para adultos.

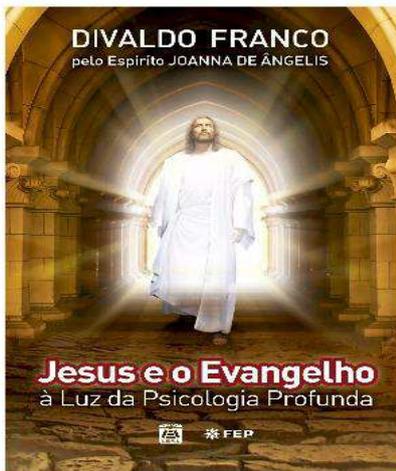
Alguns dos voluntários desta época continuam na tarefa até hoje, levaram sua experiência para onde foram, para outras casas espíritas, para outras cidades... Creio que hoje há muito o que agregar

à experiência de trinta anos atrás. Pedagogia de projetos, construtivismo, novos recursos com a revolução da informática, barateamento de publicações, surgimento de novas editoras espíritas, aumento da formação superior nos meios espíritas...

O mais importante é que a educação espírita infantil não seja um mero improviso, que não seja uma mera exposição ou um esquema padrão de aulas, que ela envolva as crianças e que crie laços entre elas e a casa espírita. Que se pense não em treinamento de educadores, mas no seu desenvolvimento continuado através de ações diversificadas e na construção e reconstrução do conhecimento não formal através das gerações. Não sei se nossa experiência é útil a outras casas, em outros lugares, mas sei que há muito o que ser feito e que precisa ser bem feito.




**DLBV INDICA**



**TÍTULO:** Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda  
**AUTOR:** Joanna de Ângelis  
**MÉDIUM:** Divaldo Pereira Franco  
**EDITORA:** LEAL  
**1ª EDIÇÃO:** 2014  
**PÁGINAS:** 256

Joanna de Ângelis, celebrando os dois mil anos do nascimento de Jesus, apresenta oportuno estudo à luz da psicologia profunda sobre a vida e mensagem do mestre. Em análise cuidadosa, mostra a perfeita identificação do Cristo com os dois conteúdos psicológicos do animus com a anima, o que dele fez o ser ideal e modelar para a humanidade. Outrossim, projeta luz sobre as sombras coletiva e individual que dominavam os seus dias e os



Márcio Xavier e Carlos Alberto Pereira são Coordenadores do "Departamento de Livraria, Biblioteca e Videoteca - DLBV"



seus conterrâneos, gerando dificuldades para seu ministério. Firmada nas excelentes colocações expostas por Allan Kardec em O Evangelho Segundo o Espiritismo, comenta um item de cada capítulo dessa obra extraordinária da doutrina espírita, conclamando à mudança de comportamento e atitudes perante a vida. Décimo primeiro volume da Série Psicológica Joanna de Ângelis, com leitura independente.


**FILOSOFANDO**

